

Prova 1 - História do Estado e da Cidadania (25 pts) - 02/09/2025

Prof. Dr. Roberto Vasconcelos Novaes - Faculdade de Direito da UFMG

Questão 1) Em *Hino Nacional* (1934), Carlos Drummond de Andrade constrói uma crítica ao Brasil de seu tempo, enquanto em *Universidade necessária*, Darcy Ribeiro formula categorias analíticas para compreender a condição de dependência e o papel da universidade na construção de um projeto nacional.

Com base em suas leituras, **analise** as críticas de Drummond à realidade brasileira **articulando-as** aos conceitos de **modernização reflexa** e **crescimento autônomo** formulados por Darcy Ribeiro. **Discuta** de que modo a **ironia poética** e a **reflexão sociológica convergem ou divergem** na interpretação da realidade brasileira. (5 pts)

Questão 2) Em *Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, Adam Smith identifica a divisão do trabalho como o principal motor do crescimento da produtividade e, conseqüentemente, da riqueza de uma nação. O trecho a seguir expõe a ideia de que extensão do mercado atua como o constrangimento fundamental que define até onde a especialização do trabalho pode avançar. Nele, Smith argumenta que a própria divisão do trabalho é filha da propensão humana à troca, e que seu desenvolvimento está intrinsecamente ligado à amplitude das oportunidades de comércio disponíveis:

Assim como o poder de troca gera a divisão do trabalho, a extensão desta divisão está sempre limitada pela extensão daquele poder ou, em outras palavras, pela extensão do mercado. Quando o mercado é muito pequeno, ninguém é incentivado a se dedicar inteiramente a um único emprego, porque não haverá como trocar o excedente do produto de seu trabalho - muito além de seu consumo próprio - pelas partes excedentes, conforme suas necessidades, do produto de outras pessoas. (SMITH, Adam. A riqueza das nações. São Paulo: Edipro, 2021, p. 54)

Com base no texto acima e em seus conhecimentos, elabore crítica fundamentada no pensamento de Wallerstein à visão de Adam Smith sobre a relação entre mercado e divisão do trabalho. Em sua resposta, você deve:

1. Explicar a **lógica central** de Smith, presente no primeiro trecho acima, sobre como o mercado possibilita e limita a divisão do trabalho. (2 pts)
2. **Explicar** as críticas de Wallerstein sobre a divisão do trabalho de acordo com o texto estudado do livro *Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista*. (4 pts)
3. Demonstrar, ao fim, as **conseqüências históricas** da divisão internacional do trabalho de acordo com a visão wallersteiniana, **exemplificando** e **explicando** pelo menos uma situação na qual esta crítica pode ser concretamente percebida em relação ao **Brasil**. (3 pts)

Questão 3) Leia os fragmentos abaixo:

Quando a economia-mundo capitalista se expandiu a partir de sua localização inicial fundamentalmente na Europa, quando concentrações de processos de produção centrais e periféricos tornaram-se cada vez mais muito diferentes geograficamente, categorias "raciais" começaram a se cristalizar em torno de determinados rótulos. Pode ser óbvio que haja uma grande série de traços genéticos que variam - e variam consideravelmente entre diferentes pessoas. No entanto, de modo algum é óbvio que estas tenham de ser codificadas como pertencentes a três, cinco ou quinze agrupamentos reificados que chamamos de "raças". O número de categorias, na verdade a própria existência de qualquer categorização é uma

decisão social. (WALLERSTEIN, Immanuel. *Raça, nação, classe: as identidades ambíguas*. São Paulo: Boitempo, 2021).

*Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o "diferente" ameaçasse o "normal", o "universal". Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. Tal fenômeno evidencia a urgência de incidir na relação de dominação de raça e gênero que ocorre nas organizações, cercada de silêncio. Nesse processo, é fundamental reconhecer, explicitar e transformar alianças e acordos não verbalizados que acabam por atender a interesses grupais, e que mostram uma das características do pacto narcísico da branquitude. Fui consolidando uma perspectiva sobre o modo de operacionalização das discriminações dentro das organizações, em que questões éticas, morais e relacionadas com a democratização de espaços institucionais sempre são tratadas através de uma perspectiva "racional", que busca justificar as desigualdades a partir da ideia de mérito. Ou seja, se constatamos representação excessiva de pessoas brancas nos lugares mais qualificados é porque elas mereceram isso, e a ausência de negras e negros e de outros segmentos deve-se ao fato de não estarem devidamente preparados. (BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022).*

Os textos a partir dos quais foram extraídos os trechos acima **discutem** o conceito atual de "raça". Os excertos supramencionados **não esgotam a argumentação** dos dois autores, mas fornecem **pistas** que o ajudarão a responder a questão.

Responda de modo dissertativo, com base nos trechos acima e na sua leitura dos textos, respectivos, estudados em aula:

1. Em síntese, **no que consiste a argumentação** de cada um dos autores acerca do conceito de "raça" conforme se apresenta hoje em dia? (2 pts)
2. Quais são as **similitudes** e **diferenças** entre a argumentação de Wallerstein e de Bento? (4 pts)

Questão 4) O plano *Brasil Soberano* foi lançado pelo governo federal frente à imposição de tarifas pelo governo estadunidense. Na apresentação do programa encontramos os seguintes slides:

SLIDE 1) Ações buscam proteger exportadores brasileiros, preservar empregos, incentivar investimentos em setores estratégicos, aumentar a resiliência da estrutura produtiva e assegurar a continuidade do desenvolvimento econômico do país.

SLIDE 2) A nossa soberania está nas empresas, na nossa economia, nas nossas riquezas naturais, mas, sobretudo está na nossa gente. O Brasil Soberano, acima de tudo, sempre estará do lado do povo brasileiro¹.

O Plano Brasil soberano consiste, essencialmente, numa série de benefícios econômicos e financeiros às empresas exportadoras, tais como linhas de crédito e alterações na tributação. Considerando as críticas que Nelson Werneck Sodré faz aos usos das palavras povo e nação, quais críticas podemos apresentar ao plano denominado *Brasil Soberano*? (5 pts)

¹ Fonte : [https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2025/08/governo-lanca-plano-](https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2025/08/governo-lanca-plano-brasil-soberano-para-protoger-exportadores-e-trabalhadores-de-sobretaxas-dos-eua/apresentacao_brasil_soberano.pdf)

Questão 1

1) Resposta ótima 80% - 100%

No poema "Hino Nacional", Drummond ironiza a ideia de um Brasil que precisaria ser "descoberto" e "colonizado" novamente, revelando a permanência da dependência cultural e a alienação das elites diante da realidade social do país. O poema destaca a importação de modismos, tecnologia e de cultura estrangeira, como se fossem superiores às nacionais e tivessem o poder de melhorar a realidade nacional. Por exemplo, cita a "importação" de prostitutas de outros países e utiliza termos em inglês. Essa crítica dialoga diretamente com os conceitos de Darcy Ribeiro em *A universidade necessária*. O Brasil descrito por Drummond é resultado de um processo de modernização reflexa, isto é, de imitação de modelos externos simbolizada, por exemplo, pela importação de costumes e padrões estrangeiros, que não gera desenvolvimento autêntico. Darcy contrapõe a essa condição a necessidade de um crescimento autônomo, enraizado nas necessidades populares e capaz de construir uma identidade nacional própria. Assim, a ironia poética de Drummond e a análise sociológica de Darcy convergem na denúncia da dependência estrutural e na defesa implícita de um projeto emancipador para o Brasil.

2) Resposta mediana 60%-70%

No poema "Hino Nacional", Drummond critica o Brasil ao mostrar que o país continua dependente de outros povos e sem consciência de si mesmo. Essa crítica pode ser relacionada ao pensamento de Darcy Ribeiro, que fala em modernização reflexa e em crescimento autônomo. O poema mostra um Brasil que copia modelos estrangeiros, o que lembra a modernização reflexa. Darcy, por sua vez, defende que o país deveria ter um desenvolvimento próprio, ligado ao povo, o que seria um crescimento autônomo. Dessa forma, pode-se dizer que tanto Drummond como Darcy apontam problemas de dependência, mas o texto poético não oferece uma solução clara, enquanto Darcy propõe um caminho.

3) Resposta fraca-insuficiente 30% a 50%

O poema "Hino Nacional" de Drummond fala de um Brasil que ainda precisa ser descoberto e colonizado. Ele critica a situação do país, que está parado e precisa mudar. Darcy Ribeiro também fala de problemas do Brasil em *A Universidade necessária*. Ele explica que o país depende de fora e precisa se desenvolver. Nesse sentido, os dois autores mostram que o Brasil precisa melhorar e encontrar um caminho próprio.

Questão 2

1) Resposta ótima 80% - 100%

Adam Smith concebia a troca como um ato natural, mutuamente benéfico e horizontal, no qual ambas as partes saíam ganhando. Nessa perspectiva, a divisão do trabalho estava limitada pela extensão do mercado: quanto maior o mercado, maior a especialização, resultando em aumento de produtividade e, conseqüentemente, em maior riqueza das nações. Sua visão era fundamentalmente otimista e linear, partindo do pressuposto de que a expansão dos mercados conduziria, inevitavelmente, a uma ampliação da divisão do trabalho, o que geraria mais produtividade e riqueza para todos.

Entretanto, a leitura crítica de Wallerstein, baseada na lógica da acumulação e das trocas desiguais, desafia essa interpretação. Para Smith, o objetivo da troca era o consumo, ou seja, a obtenção da parcela do produto do trabalho de outras pessoas que cada indivíduo necessita. No capitalismo histórico, porém, o objetivo primordial da troca não é o consumo, mas sim a acumulação, isto é, a auto expansão do capital. Essa alteração na finalidade do processo transforma radicalmente a natureza das relações de troca.

A troca deixa de ser compreendida como simples intercâmbio entre produtores para se tornar um mecanismo de extração de excedente, em que o capitalista apropria-se do lucro para reinvesti-lo e acumular sempre e cada vez mais. Dessa forma, as relações deixam de ocorrer entre iguais, como supunha Smith, passando a se estruturar entre detentores de capital e trabalhadores assalariados. Além disso, a expansão dos mercados não se dá de forma passiva ou espontânea, mas sim de maneira assimétrica e dirigida. O capital cria e organiza mercados geograficamente de modo desigual, visando a facilitar o processo de acumulação. A divisão internacional do trabalho, nesse sentido, não é um fenômeno neutro ou benigno, mas resultado de uma dinâmica intencional que favorece o "centro" em detrimento da "periferia".

A teoria das trocas desiguais evidencia esse mecanismo. O preço das mercadorias não reflete apenas custos de produção e utilidade, como supunha a visão clássica, mas sobretudo relações de poder. O centro vende manufaturas com alto valor agregado à periferia e, em contrapartida, compra matérias-primas e commodities a preços baixos. O resultado é que, mesmo em um mercado mundial amplo, a divisão do trabalho não gera benefícios equitativos. A periferia é incentivada a se especializar em atividades de baixo valor agregado, ficando presa em um papel subordinado dentro do sistema, exportando não apenas excedente, mas também seu potencial de desenvolvimento em favor do centro.

Assim, enquanto Smith interpretava a expansão do mercado como um processo de dissolução de barreiras e de promoção da prosperidade generalizada, a crítica baseada na acumulação e nas trocas desiguais demonstra que esse mesmo processo cria e aprofunda hierarquias estruturais entre centro e periferia. O mercado mundial, portanto, não deve ser visto como um espaço neutro de trocas benéficas, mas como um campo de disputa, no qual a lógica da acumulação gera desenvolvimento para alguns às custas do subdesenvolvimento de outros. A divisão internacional do trabalho, longe de ser limitada apenas pela extensão dos mercados, encontra-se condicionada pelos interesses de acumulação do capital concentrado no centro do sistema.

2) Resposta mediana 60%-70%

Adam Smith entendia o mercado como um espaço onde as trocas acontecem de forma natural e benéfica para todos os envolvidos. Para ele, a divisão do trabalho dependia do tamanho do mercado: quanto maior o mercado, mais especializada poderia ser a produção, aumentando a riqueza geral. Essa visão é otimista porque supõe que a ampliação das trocas gera automaticamente mais produtividade e prosperidade para toda a sociedade.

Porém, Wallerstein aponta que essa interpretação é limitada. Enquanto Smith via a troca como voltada ao consumo, no capitalismo histórico o objetivo passa a ser a acumulação de capital. Isso significa que a troca não é um simples intercâmbio entre iguais, mas um processo de exploração, no qual o capitalista se apropria do excedente produzido pelos trabalhadores.

Além disso, a expansão dos mercados não é neutra nem equilibrada, como sugeria Smith. O capitalismo organiza a divisão internacional do trabalho de maneira desigual, criando relações de dependência entre países centrais e periféricos. Enquanto o centro exporta produtos manufaturados caros, a periferia fica restrita a vender matérias-primas baratas. Dessa forma, a riqueza não se distribui igualmente, mas aprofunda desigualdades.

Assim, pode-se concluir que, embora Smith tenha visto a expansão do mercado como geradora de riqueza para todos, a crítica demonstra que o processo de acumulação capitalista cria hierarquias entre nações e classes sociais.

3) Resposta fraca-insuficiente 30% a 50%

Para Adam Smith, o mercado era um lugar de trocas justas, em que todos saíam ganhando. Ele acreditava que, quanto maior fosse o mercado, mais especialização existiria, e isso levaria ao crescimento da riqueza das nações. Sua visão era otimista, pois via o comércio como algo positivo em qualquer situação.

Mas essa ideia não se confirma totalmente na prática. No capitalismo, o objetivo principal da troca não é o consumo, mas sim a acumulação. Assim, em vez de beneficiar igualmente, as trocas acabam favorecendo alguns em detrimento de outros. O capitalista busca sempre mais lucro.

No plano internacional, os países ricos vendem produtos industrializados para os pobres e compram matérias-primas baratas. Dessa forma, o mercado mundial cria desigualdades, porque os países pobres ficam presos a um papel secundário, enquanto os ricos se desenvolvem.

Portanto, ao contrário do que Smith acreditava, a expansão do mercado não garante prosperidade para todos, mas aprofunda desigualdades.

Questão 3

1) Resposta ótima 80% - 100%

Wallerstein compreende o conceito de "raça" como uma construção social e histórica, derivada da expansão do sistema-mundo capitalista. Para ele, as categorias raciais não decorrem de fundamentos biológicos, mas da necessidade de se estabelecerem hierarquias que legitimam desigualdades entre regiões centrais e periféricas. A definição do número de "raças" e sua suposta objetividade são, portanto, produtos de decisões sociais que reforçam relações de poder no interior da modernidade capitalista.

Já Cida Bento analisa a "branquitude" como pacto narcísico de autopreservação, em que a diferença é lida como ameaça. Sua crítica enfatiza como organizações e instituições reproduzem discriminações raciais por meio da naturalização das desigualdades, frequentemente justificadas pelo discurso meritocrático. Esse pacto invisível mantém privilégios e exclui pessoas negras e outros grupos subalternizados.

A similitude entre os dois autores reside na rejeição da ideia de "raça" como categoria natural, sustentando que ela serve à manutenção de desigualdades. Contudo, diferem quanto ao foco: Wallerstein situa sua análise na gênese histórico-estrutural da raça dentro do capitalismo mundial; já Bento concentra-se nos mecanismos contemporâneos de reprodução do racismo, sobretudo no ambiente institucional e organizacional, com destaque para o discurso meritocrático como legitimador da estrutura de poder. Assim, as duas perspectivas se complementam, articulando dimensões macroestruturais e microinstitucionais da questão racial.

2) Resposta mediana 60%-70%

Wallerstein entende que a raça não é um dado natural, mas uma invenção social que se consolidou com a expansão do capitalismo mundial. As categorias raciais foram criadas para justificar desigualdades entre regiões e pessoas. Bento, por sua vez, fala da branquitude como que busca se proteger do "outro" e manter desigualdades nas organizações.

Ambos os autores concordam que a raça não é biológica. A diferença é que Wallerstein olha mais para a origem histórica do conceito dentro do capitalismo e Bento olha para as práticas atuais, especialmente no mundo do trabalho e nas instituições.

3) Resposta fraca-insuficiente 30% a 50%

Segundo Wallerstein, a raça existe porque as pessoas são diferentes, mas não fica claro se é biológica ou social. Já Bento fala que a raça causa desigualdade e que brancos querem manter seus privilégios. Os dois autores parecem concordar que há desigualdade racial, mas não falam exatamente da mesma coisa. Wallerstein fala mais da sociedade no geral, e Bento fala mais das empresas.

Questão 4

1) Resposta ótima 80% - 100%

A principal crítica ao Plano Brasil Soberano, à luz do que escreve Nelson Werneck Sodré em *O que é o povo*, diz respeito à apropriação indevida das palavras "povo" e "nação". Nos slides de apresentação, o governo afirma que as medidas estarão "do lado do povo brasileiro" e que a soberania nacional se encontra "sobretudo na nossa gente". Entretanto, o conteúdo concreto do plano consiste em linhas de crédito e benefícios tributários voltados às empresas exportadoras, não ao conjunto da população. Trata-se, portanto, de um caso típico da denúncia de Sodré: o emprego retórico dos termos "povo" e "nação" para justificar políticas que atendem a interesses particulares de grupos econômicos específicos. Assim, a linguagem política generaliza uma medida voltada a setores privilegiados como se fosse de interesse de todo o povo brasileiro, mascarando as contradições sociais e transferindo para parcela da população uma legitimidade que, na prática, não lhe corresponde.

2) Resposta mediana 60%-70%

O Plano Brasil Soberano se apresenta como uma defesa do povo e da soberania nacional, mas na prática oferece subsídios e benefícios a empresas exportadoras. A crítica possível é que, apesar do discurso de proteção da economia e dos empregos, as ações concretas favorecem um grupo restrito de agentes econômicos. Há, portanto, uma distância entre a retórica de que o plano beneficia "o povo" e a realidade de que ele se concentra em apoiar exportadores. Isso enfraquece a ideia de que o programa represente de fato a coletividade.

3) Resposta fraca-insuficiente 30% a 50%

O plano pode ser criticado porque diz que ajuda o povo, mas na verdade só ajuda os exportadores. O governo fala em soberania e em proteger a população, mas o que faz é dar benefícios econômicos para algumas empresas. Assim, o nome e os slides não correspondem totalmente ao que é realizado.